

UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM AFRICANIDADES PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS

Recebido em: 03/07/2023

Aceito em: 31/07/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-013

Márcia Maria Silva Peixoto ¹
Aldieris Braz Amorim Caprini ²

RESUMO: O artigo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado em Ensino de Humanidades que investigou quais as necessidades formativas dos docentes, que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para a promoção da Educação das Relações Étnico-raciais, no campo das Africanidades brasileiras e História da África. Os referenciais teóricos selecionados como arcabouço desta pesquisa são: Anderson Ribeiro Oliva; Demerval Saviani; Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. A metodologia adotada foi realizada por meio da pesquisa colaborativa e de rodas de conversa, consistindo, no primeiro momento, no levantamento de informações (demandas formativas) para, no segundo momento, desenvolver uma formação continuada com os sujeitos participantes. Com base na pesquisa, em dados e nas reflexões sobre a formação, foi possível produzir um material educacional sobre Africanidades, em formato de e-book, de modo a sintetizar a formação continuada e possibilitar a sua aplicação na formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Étnico-Racial; Africanidades; Formação Docente; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A PROPOSAL FOR CONTINUING TRAINING IN AFRICANITIES FOR ELEMENTARY EDUCATION TEACHERS – EARLY YEARS

ABSTRACT: The article presents the results of a master's research in Humanities Teaching that investigated the training needs of teachers, who work in the early years of Elementary School, for the promotion of Education of Ethnic-racial Relations, in the field of Brazilian Africanities and History of Africa. The theoretical references selected as the framework for this research are: Anderson Ribeiro Oliva; Demerval Saviani; Kabengele Munanga and Nilma Lino Gomes; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. The methodology adopted was carried out through collaborative research and conversation circles, consisting, in the first moment, of collecting information (training demands) to, in the second moment, develop continuous training with the participating subjects. Based on research, data and reflections on training, it was possible to produce educational material on Africanities, in e-book format, in order to synthesize continuing education and enable its application in teacher training.

KEYWORDS: Ethnic-Racial Education; Africanities; Teacher Training; Early Years of Elementary School.

¹ Mestre em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Rede Municipal de Marataízes (ES). E-mail: marcinhapeixoto@gmail.com

² Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). E-mail: aldieris@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0431-4691>

UNA PROPUESTA DE FORMACIÓN CONTINUA EN AFRICANIDADES PARA DOCENTES DE EDUCACIÓN PRIMARIA – PRIMEROS AÑOS

RESUMEN: El artículo presenta los resultados de una investigación de maestría en Enseñanza de las Humanidades que investigó las necesidades de formación de los profesores, que actúan en los primeros años de la Enseñanza Fundamental, para la promoción de la Educación de las Relaciones Étnico-raciales, en el campo de las africanidades y Historia de África. Los referentes teóricos seleccionados como marco de esta investigación son: Anderson Ribeiro Oliva; Demerval Saviani; Kabengele Munanga y Nilma Lino Gomes; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. La metodología adoptada se llevó a cabo mediante investigación colaborativa y círculos de conversación, consistiendo, en un primer momento, en recolectar información (demandas de formación) para, en un segundo momento, desarrollar una formación continua con los sujetos participantes. A partir de investigaciones, datos y reflexiones sobre la formación, fue posible producir material didáctico sobre las africanidades, en formato e-book, con el fin de sintetizar la formación continua y viabilizar su aplicación en la formación docente.

PALABRAS CLAVE: Educación Étnico-Racial; Africanidades; Formación de Profesores; Primeros Años de la Escuela Primaria.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta os resultados da pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades que investigou a formação docente na temática étnico-racial, indagando como sistematizar uma formação continuada, com base nas necessidades formativas dos docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para práticas emancipatórias e de combate ao racismo, no ensino das Africanidades, em convergência com a Educação para as Relações Étnico-Raciais.

A questão norteadora da pesquisa foi: como sistematizar uma formação continuada, a partir das necessidades formativas dos docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para práticas emancipatórias e de combate ao racismo, no ensino das Africanidades, em convergência com a educação para as relações étnico-raciais?

Como objetivo assumimos o desafio de sistematizar uma proposta formativa continuada sobre Africanidades no campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais, de forma que atendesse às necessidades constatadas junto aos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, em uma perspectiva crítica, reflexiva e emancipatória.

A pesquisa se justifica por evidenciar a contribuição da formação continuada para o ensino e a aprendizagem em africanidades para docentes dos anos iniciais pois, não compõem, de forma específica na formação inicial do professor. Assim, os resultados da pesquisa contribuem ao apresentar uma proposta concreta de formação de professores, por meio do e-book, que pode ser utilizado por secretarias e escolas e ainda, contribuem

teoricamente ao discutir a necessidade da formação continuada em uma temática pouco explorada na formação inicial.

Assim, os estudos e a pesquisa nos encaminharam para o desenvolvimento e a sistematização de uma proposta formativa continuada, no formato de e-book, sobre as Africanidades com pontuações e eixos temáticos, que foram organizados com o intuito de atender às demandas formativas que se aliam à Educação para as Relações Étnico-Raciais e que atuam de forma crítica, reflexiva e emancipatória no contexto das relações socioculturais, que ultrapassam os muros e os espaços escolares.

FORMAÇÃO CONTINUADA: CRITICIDADE, EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DAS AFRICANIDADES

Os debates atuais, em torno da formação docente, revelam uma preocupação latente quanto aos aspectos fundamentais para a formação de professores, de modo a atenderem às demandas formativas, que surgem na sociedade atual. Entre os aspectos da formação docente, sejam eles abordados na formação inicial ou continuada, em suas variadas formas, destacamos o pensamento de Saviani (2011), quanto às formas e aos processos pedagógicos da formação docente desde o campo das licenciaturas.

O autor nos chama a atenção para a situação de descontinuidade das propostas pedagógicas nos processos formativos, nos últimos dois séculos da história da educação no Brasil, que acaba por interferir positivamente na preparação do professor para atender às demandas sociais que se apresentam na educação escolar.

Optamos por refletir sobre a Formação Continuada com um recorte temático em Educação para as Relações Étnico-Raciais. Assim, julgamos indispensável compreender como essa categoria está intimamente articulada à prática docente.

Para Caprini (2017),

Pensar em formação contínua é de tal sorte, refletir numa dialética de formação na qual o professor reflete sua prática na perspectiva de transformá-la com suporte no diálogo do cotidiano, com referenciais teóricos, contribuindo para o seu desenvolvimento profissional. Tanto na formação inicial, em que a prática era, na maioria das vezes, simulações do real, como na formação contínua, na realidade da sua profissão, existe a perspectiva da práxis (CAPRINI, 2017, p. 19).

Comprendemos, dessa forma, que esse modelo de formação continuada, constante e que reflete sobre a ação docente, atendeu às expectativas objetivas de nossa pesquisa, tanto para o desenvolvimento profissional quanto para a condição humana do

professor, quando a mesma oportunizou uma reflexão crítica da prática docente com a possibilidade de um aprofundamento teórico que dialogou com o fazer docente de forma contínua. Isso feito, em nosso caso, com o intuito de superar modelos pedagógicos e pensamentos enraizados no racismo.

As reflexões que fazemos para discutir as Relações Étnico-Raciais, dentro de uma proposta de formação continuada, nos conduzem à busca de um entendimento sobre os contextos em que se dão essas relações. Quando utilizamos o termo “Relações Étnico-Raciais”, estamos nos referindo às vivências cotidianas de grupos étnicos que compõem nossa sociedade em sua multiplicidade e diversidade sociocultural. Dessa forma, almeja-se alcançar, nestas relações sociais, uma vivência harmoniosa e humanizada, entre grupos de diversas etnias, em qual os direitos, que são garantidos ao homem e ao cidadão, estão contemplados a todos com acesso pleno aos seus direitos e deveres como cidadão para os quais respeito, alteridade e tolerância são elementos básicos para o combate ao racismo e ao preconceito racial.

Assim, Gomes (2011), define as relações como sendo,

Relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras, nos quais a raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária. Trata-se, portanto, de relações construídas no processo histórico, social, político, econômico e cultural (GOMES, 2011, p. 22).

Nessa perspectiva, apontamos como centro epistemológico da expressão “étnico-racial” a fundamentação em questões pertinentes à população negra brasileira. Questões que devem ser discutidas para além da classificação racial e dos fenótipos que as definem. A realidade do negro brasileira deve ser compreendida em sua dimensão simbólica, política, mítica, territorial e de identidade.

Reafirmamos, nesse sentido, nossa preocupação constante com uma formação continuada que viesse a fornecer as ferramentas de ensino e aprendizagem necessárias aos docentes, para que estes pudessem atuar no combate ao racismo e no fortalecimento da identidade étnico-racial dos afrodescendentes.

Constituindo-se como marco legal mais expressivo para a Educação das Relações Étnico-Raciais a Lei 10.639/2003, apresenta-se como uma ação afirmativa e torna obrigatória a inclusão do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira nos currículos da educação básica. Essa lei alterou a Lei de Diretrizes Básicas da Educação

Nacional e é seguida pela Lei 11.645/2004, que acrescenta a temática indígena na obrigatoriedade de ensino.

A implementação das diretrizes curriculares, por meio do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, envolveu um conjunto de ações que procuram transcender os limites das aulas de História e envolver os sujeitos em todos os espaços da educação. Em síntese, segundo Guimarães (2012),

Evidencia-se no texto do documento a necessidade de assegurar a formação inicial e continuada de professores, adequada não só para o ensino dessas temáticas, mas para as ações educativas multiculturalmente orientadas. Isso requer profundas transformações nos currículos, nos projetos pedagógicos dos currículos superiores e na formação dos formadores de professores (GUIMARÃES, 2012, p. 84).

Guimarães (2012) destaca que todas essas leis, políticas públicas e ações afirmativas e todas as suas diretrizes devem confluir para o reconhecimento da diversidade étnico-racial na educação escolar. Para tal propósito, a escola deve incentivar e promover ações pedagógicas que executem as propostas contidas nas políticas educacionais e que desenvolvam projetos e práticas institucionais sistematizados. Dessa forma, defendemos uma formação continuada de professores que se dedique ao estudo e à compreensão das concepções fundamentais para as relações, assumindo postura crítica, reflexiva e ética diante da diversidade étnica e cultural.

Propusemos, até aqui, uma reflexão sobre os procedimentos formativos que se adequam a nossa visão sobre a formação para Educação nas relações étnico-raciais e antirracista. Dessa forma, compreendemos uma formação continuada para a Educação das Relações Étnico-Raciais que privilegie o professor em sua vivência real com a temática da diversidade étnica em todos os conteúdos desdobrados das Africanidades e que compõem sua realidade em sala de aula e na prática didático-pedagógica.

Nesse contexto, reconhecemos que:

Pensar na profissão professor implica reconhecê-la como conjunto de comportamentos habilidades, competências, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser aperfeiçoamento e fortalecimento da profissão docente. (OLIVEIRA, *et al*, 2014, p.10)

Na perspectiva do ensino e da aprendizagem para diversidade étnico-racial, coube-nos a compreensão das especificidades formativas a serem desenvolvidas em uma

formação continuada. Para tanto, dedicamo-nos a melhor compreender conceitualmente a expressão “Africanidades brasileiras” e a delinear as abordagens temáticas específicas desenvolvidas nos encontros presenciais e nos materiais de estudo.

Para bem compreendermos o conceito de Africanidades abordado em nossa pesquisa, e utilizado como escopo do conteúdo de nossa formação continuada, trazemos, de forma sintetizada, as definições e perspectivas dos autores Kabengele Munanga e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, principais referências do tema na atualidade. Partindo do pensamento de Munanga (2015), delimitaremos o termo em sua vertente histórica na qual o conceito de Africanidade (no singular) passa por uma trajetória que remete aos traços culturais comuns de comunidade no contexto africano:

Podemos, grosso modo, afirmar que a africanidade é um conjunto de traços culturais e históricos comuns a centenas de sociedades da África subsaariana. É uma comunidade que se fundamenta na similaridade de experiências existenciais e de esforços pacíficos para subtrair do solo os produtos para a sobrevivência material. O conteúdo da africanidade é o resultado de um duplo movimento de adaptação e de difusão (MUNANGA, 2007, p. 10 apud MUNANGA, 2015, p. 19).

Nesse contexto, identificamos como Africanidade toda a produção cultural destes povos e seus elementos políticos, econômicos, religiosos, artísticos, filosóficos, entre outros, que remontam a uma unidade na diversidade, tanto tradicional, que evoque a ancestralidade, quanto na modernidade histórica, cujo sentido se traduz no despertar da consciência moral, do pertencimento e da resistência. A singularidade do termo, verificada pelo autor na literatura africana especializada, refere-se à ideia de unidade preservada na diversidade. Adiante, o autor, admite o pluralismo agregado ao termo Africanidade, no contexto brasileiro, como sendo aquilo que remete aos elementos da herança africana que superaram a diáspora, em nosso caso, Africanidades Brasileiras, e traduzem, pois, uma identidade com base na cultura africana, que reconhecemos como parte de nós (MUNANGA, 2015).

Com o intuito de esclarecer os significados e as possibilidades das abordagens pedagógicas nas Africanidades Brasileiras, Silva (2003) define:

A expressão africanidades brasileiras refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia a dia (SILVA, 2003, p. 26).

Assim como Munanga (2015), a autora aponta para a base ancestral africana na qual se sustentam e se desenvolvem os elementos da cultura brasileira. Ensinar e aprender Africanidades brasileiras significa enredar-se pelo modo de perceber, viver, e conviver lutando por dignidade, que seja próprio dos descendentes de africanos que “[...] ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências, e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles” (SILVA, 2003, p. 26).

Desse modo, ao delimitar o campo das Africanidades como nosso conteúdo de estudo, consideramos a interdisciplinaridade das áreas de conhecimento e o respeito aos princípios do respeito, reconstrução do discurso pedagógico e estudo da recriação das diferentes raízes da cultura brasileira, estando presentes em diversos conteúdos e metodologias dessas diferentes áreas de conhecimento: música e dança, matemática, educação física, história, literatura e língua portuguesa, entre outras.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para responder aos questionamentos que problematizamos no campo da formação continuada, das relações étnico-raciais, do ensino e da aprendizagem das Africanidades e História da África, utilizaremos como metodologia a pesquisa colaborativa que, sendo uma vertente da pesquisa-ação, parte de uma prática social e, após as etapas e procedimentos característicos da mesma, nos conduzirá a uma ressignificação da prática inicial.

A pesquisa aconteceu no âmbito dos municípios de Itapemirim e Maratáizes –ES, com vinte professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na pretensão de desenvolver uma proposta de formação continuada, promovemos um processo seletivo por meio de edital, a fim de que os professores se inscrevessem tendo ciência da proposta do curso como parte do projeto de pesquisa e ficassem atentos aos critérios e requisitos para sua classificação e sua participação.

A pesquisa possuiu caráter colaborativo. No grupo focal, ou roda de conversa, fizemos uma abordagem inicial por meio de um questionário, cujas questões versaram sobre a formação inicial dos docentes/cursistas, bem como sobre a temática geral da formação continuada no campo do Ensino de História a África e Africanidades. Partindo das informações iniciais presentes, ou seja, das demandas formativas dos docentes sobre o tema Africanidades, identificadas na ficha de matrícula e no questionário inicial, definimos os conteúdos necessários para o percurso formativo e, por conseguinte, para a elaboração do material educativo, o e-book.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da educação básica, que pertencem a região limítrofe dos municípios de Marataízes e Itapemirim e que atuam na regência de classe ou áreas específicas nas turmas dos 1º aos 5º anos.

Por se tratar de pesquisa com o uso de questionários, entrevistas e narrativas, essencialmente desenvolvidos com seres humanos, foi necessário o encaminhamento para prévia análise e parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sendo parte integrante do projeto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), de acordo com roteiro elaborado pelo Ministério da Saúde, o Conselho Nacional de Saúde e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

DADOS E RESULTADOS: REFLEXÕES A PARTIR DO PROCESSO FORMATIVO

Nosso processo formativo teve como premissa inicial identificar as demandas dos docentes para, a partir delas, desenvolver uma formação continuada em Africanidades. Desse modo, tomamos como ponto de partida a identificação das demandas por meio da apresentação do conteúdo, de forma sistematizada, em um Percorso Formativo, que definimos para organizar nossos estudos, apresentando-o em módulos e como uma possibilidade para a resolução dos problemas identificados em nossa prática-social inicial. Assim, detectamos que os problemas considerados mais pertinentes ao processo formativo dos docentes estão relacionados: à falta de disciplinas formativas exclusivas sobre a temática étnico-racial; à diversidade da formação inicial como docente, à falta de material formativo e didático para o trabalho didático-pedagógico em sala de aula, à baixa oferta de Formação Continuada, à ausência de propostas pedagógicas nas escolas, entre outros impedimentos que dificultam uma valorização da Educação para as Relações Étnico-Raciais.

No intuito de delinear o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa, bem como de produzir dados que contribuíssem para a análise do objeto de estudo e atendessem aos objetivos formativos do nosso curso de formação continuada, aplicamos o “Questionário Inicial do Curso” com foco em questões que, além dos dados pessoais, abrangessem as áreas de formação inicial e continuada dos docentes participantes do curso. Os participantes foram indicados neste texto com nomes de relevantes personalidades da história afro-brasileira e trazem significado à nossa narrativa. Sendo, assim, a partir do questionário obtivemos as respostas que seguem.

Perguntados sobre a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio, os cursistas responderam: “Concordo totalmente com (a lei), pois prevê a obrigatoriedade do estudo da cultura afro nas escolas, priorizando o princípio da isonomia” (Cursista: “Dandara”); “Achei ótimo. Pois, dá oportunidade de estudar mais esta cultura. Os mesmos têm os mesmos direitos que os brancos” (Cursista: “Mãe Menininha do Gantois”); “Foi muito bom. Até porque é um grande avanço para a educação e irá contribuir para a superação das desigualdades e do racismo” (Cursista: “Antonietta de Barros”); “Em minha opinião, essa lei realmente é precisa. Pois, valoriza a diversidade cultural e étnico-racial” (Cursista: “Maria Firmina dos Reis”).

Ao reconhecer sua desinformação sobre a lei e suas implicações educacionais e socioculturais, o docente “José da Silva” diz: “Como não conheço muito a lei 10.639/2003, acho desnecessário. Penso eu, que deveria juntar tudo e não ser preciso diferenciar, mas sim, a obrigatoriedade do ensino de africanos, brancos, índios, judeus etc.” (Cursista: “José da Silva”). Percebe-se que a ausência de conhecimento prévio sobre a temática afro-brasileira e africana, bem como acerca das abordagens que compõem o campo Educação para Relações Étnico-Raciais, evidencia as necessidades formativas identificadas no instrumento de produção de dados.

A partir das demandas formativas levantadas no questionário e dos estudos teóricos, passamos a sistematizar uma proposta de formação, no formato de curso de extensão, com o título “Africanidades: Formação Continuada para Professores do Ensino Fundamental – Anos Iniciais”. Após o curso, o material utilizado, bem como as reflexões e diálogos foram sistematizados em um e-book, para que o curso pudesse ser multiplicado.

Assim, refletimos sobre alguns momentos formativos e sua estruturação, por meio dos módulos temáticos e de categorias que incluíram os conceitos teóricos, os quais embasam a formação continuada, o conceito de Africanidades, a ser desenvolvido em nosso cotidiano docente, e a prática docente a ser ressignificada a partir da reflexão e dos estudos estabelecidos nos seguintes módulos e tópicos temáticos de discussão: MÓDULO I – Legislação, conceito e Educação para as Relações Étnico-Raciais; MÓDULO II – Africanidades Brasileiras; MÓDULO III – Prática de Ensino em Africanidades: possibilidades didático-pedagógicas.

O primeiro módulo apresentou as definições sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais e, entre seus objetivos, destacou a problematização dos contextos do

cotidiano dos docentes e sua atuação como sujeitos históricos sociais, promovendo reflexões sobre os conceitos de raça, etnia, identidade, diversidade e outros pertinentes ao debate. No desenvolvimento de uma dinâmica de apresentação entre os presentes, distribuímos trechos famosos de músicas populares brasileiras que remetem à questão racial como uma provocação sobre o tema: cada participante recebeu um trecho de uma música que deveria ser cantada, após apresentação de seu nome e da escola da qual fazia parte.

Assim, o trecho A da música “o teu cabelo não nega mulata, porque és mulata na cor...” foi completado pelo participante que recebeu o trecho B “mas como a cor não pega mulata, mulata eu quero teu amor”. Destacamos, nesse momento, entre as falas dos participantes, indicações de conceitos como misoginia, racismo, estereótipos, entre outros que permearam nossas rodas de conversa. Os docentes apontaram ainda os elementos da estética negra, evidenciados nas canções de forma pejorativa: “a mulata gostosa, a preta do cabelo duro, o negão cheio de paixão”, entre outros. Encerramos essas discussões refletindo sobre as lutas e os desafios que nossa educação enfrenta para valorizar a diversidade étnico-racial, em especial os afrodescendentes, nas relações sociais e culturais que se estabelecem dentro e fora da escola e como podemos ser sujeitos em uma ação efetiva de combate ao racismo.

Antes de iniciar novos tópicos de debates e introduzir novos conceitos de um módulo ou do encontro seguinte, revisitamos os conceitos e debates anteriores por meio de um exercício de memória, que provocou nos participantes o desafio de lembrar o encontro anterior sem o auxílio de notas ou matérias pedagógicas. Assim, foram provocados a olhar seus espaços com a criticidade apontada em nossos debates sobre as referências culturais, que experimentamos em nosso dia a dia e como elas estão repletas de signos racistas e caricaturas, como: a música repleta de frases racistas, que inferiorizam a negritude, seus fenótipos e tudo que lhe é sagrado; os estereótipos no cinema e na TV, que nos representam como uma totalidade de violentos, indolentes, sexualizados, bestializados, sob a perspectiva de autores e diretores não negros; ou ainda os silêncios nos livros didáticos e a ausência neles de uma abordagem que apresente de forma positiva as Africanidades brasileiras e a História da África.

Após nos situarmos no percurso teórico, fizemos a leitura do texto “Educação e diversidade étnico-racial — legislação e educação das relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira e africana” (BATISTA, 2016). Nesse momento da formação, em que a contextualização, a proposta e a ambientação dos temas e das metodologias do curso

foram estabelecidos, avançamos para introdução dos conceitos que sustentam nossa prática formativa.

Daí, seguimos com a atividade de introduzirmos conceitualmente o que são as “Relações Étnico-Raciais”, atrelando-a a uma atividade denominada “Memórias Étnico-raciais”, na qual os docentes deveriam estabelecer um exercício de reflexão sobre a construção de sua Educação para as Relações Étnico-Raciais, mesmo que, despretensiosamente, por meio de questões que estabelecessem uma periodicidade da infância até a idade adulta, nos contextos escolar e familiar. Quando questionados, por meio de formulário, sobre a construção de sua educação étnico-racial, os docentes tiveram que fazer um retorno até suas memórias de infância, adolescência e juventude para identificar elementos que construíram sua identidade e determinaram as percepções que tinham sobre a vivência com afrodescendentes.

Ao recorrer à periodização proposta na atividade de memória, identificamos que, na fase da infância, muitos docentes apontaram ter existido uma educação que reforçou valores como tolerância, respeito e aceitação às diversidades, porém essa educação se deu prioritariamente no ambiente familiar, como nos disse um dos docentes. Identificamos que, mesmo não sendo o foco das questões, ao rememorar o período de infância e adolescência, surgiram relatos que apontaram os sujeitos negros que fizeram parte da vivência dos docentes no contexto escolar e familiar.

Seguiram respondendo: “Sempre ouvia minha família falando de respeito à cor negra”. “Não lembro se na sala de aula tinha colegas, mas o vigia era negro” (Cursista: “Mãe Menininha do Gantois”). “Nenhuma familiaridade com a temática na infância, seja pelo não convívio com negros, seja pela não aprendizagem na escola sobre a temática” (Cursista: “Machado de Assis”). “Fui inserida em determinados tipos de ambientes, onde algumas pessoas demonstravam diferenciações em relação à cor da pele” (Cursista: “Tereza de Benguela”).

Percebe-se que, na juventude e na vida adulta, alguns docentes declararam ter reconhecido as atitudes racistas presentes em seu contexto familiar e escolar com mais clareza: “Meu primeiro namorado era negro, com *dreads* nos cabelos. Quando fui apresentá-lo para meu pai, vi nos olhos dele que não gostou, pois, ele era racista, e infelizmente se perpetua até hoje” (Cursista: “Carolina de Jesus”). “Na juventude não evidenciei relações que pudesse remeter sobre o tema, apenas na faculdade em que meu pai destratou um professor da faculdade que é negro e estive em minha residência procurando por mim (ele não sabia ser professor e advogado)”. “Meu pai, casado com

uma negra, é muito racista, ainda bem que este sentimento não me foi atribuído. Minha melhor amiga sofria discriminação, mas não entendia o motivo de tal sentimento. Hoje eu entendo ser puro racismo” (Cursista: “Fátima de Oliveira”).

Essas reflexões sobre as memórias que compõem os sujeitos participantes da formação continuada, serviu como bússola norteadora sobre como as pessoas se colocam intimamente em suas relações com o outro. Noções de equidade e empatia surgiram como balizadoras para nossa chamada de conteúdo do curso. Apresentou-se também, nas falas e memórias de nossos cursistas, o caráter humanizador de nossa formação continuada evidenciado a partir desta atividade formativa e em outros momentos que compartilhamos.

Como preparação para o encontro seguinte, foram exibidos vídeos com experimentos sociais sobre o racismo como o “Teste da Boneca”, “Racismo Constitucional”, “Você é Racista”, entre outros, que consistem em simular situações reais do cotidiano, em que apresentamos, de forma generalizada, um comportamento racista naturalizado em nossas relações sociais. O experimento, aplicado com crianças em diversas partes do mundo, consiste em apresentar duas bonecas, uma negra e uma branca, e pedir que as crianças descrevam as suas características com expressões como: a mais bonita, a mais feia, a boa, a ruim, entre outras. Numa visão geral, percebemos que a verdade exposta sobre as práticas e falas racistas, que se perpetuam cotidianamente em nossa sociedade, e em tantas outras, soou como algo bárbaro e distante da nossa vivência. Nessa perspectiva de revisitar nossa construção como sujeitos sociais inseridos em uma cultura diversificada e multirracial, concluímos nossa reflexão do encontro com o compromisso de buscar outros momentos de introspecção de nossas ações como docentes e nossa reconstrução subjetiva, tendo como ponto de partida tanto as experiências positivas quanto as negativas de nosso percurso educativo nas relações étnico-raciais.

O conceito de Africanidades, discutido no módulo, foi apresentado por meio de nosso referencial teórico. Assim, analisamos os conceitos de Africanidades e Africanidades brasileiras, considerando a definição e a perspectiva de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2009) e Kabengele Munanga (2015). Na sequência do estudo de textos e exemplificações sobre as Africanidades e as possibilidades temáticas para a Educação das Relações Étnico-Raciais a nós apresentadas em diversas disciplinas e fazeres docentes, dedicamo-nos a discriminar, identificar e contextualizar conceitos teóricos básicos para a Educação das Relações Étnico-Raciais — EREER, e para uma educação que se comprometa com ações antirracistas.

Dessa forma, estudamos os conceitos de raça e racismo em suas variações (institucional, essencialista, universalista etc.), etnia, preconceito, discriminação racial e identidade, por meio de material disponibilizado em slides, resumos, textos e artigos de nossa referência bibliográfica, selecionados para o estudo. Vale ressaltar que esta foi a primeira oportunidade que alguns docentes tiveram de estudar os conceitos abordados no módulo. Dessa forma, todo o conteúdo foi desenvolvido com uma didática expositiva e por análise de situações-problema, bem como com exemplos do cotidiano social e escolar.

A abordagem ressignificada do ensino e da aprendizagem da História e culturas africana e afro-brasileira, cujos pontos de partida foram a prática social e os aspectos formativos do sujeito em sua complexidade humana, sociocultural, emocional e profissional, destacou as generalizações e equívocos que comprometem o ensino e a aprendizagem da História da África e afro-brasileira. O estudo do texto: “África: berço de Diversas Civilizações” (MUGANGA; GOMES, 2016, p. 31- 66), em consonância com o vídeo de Chimamanda Anquile, “O perigo de uma história única”, sustentaram nossas discussões teóricas.

Em um breve exercício de memória, pedimos aos docentes que dissessem em voz alta o primeiro pensamento que lhes viesse à mente quando o assunto é África: “Doença, fome e pobreza”, disse um; “AIDS, fome, negros”, disse outro; “Guerra, diamante, savana, crianças famintas”, apontou outro docente. Essas falas remetem diretamente aos equívocos e às generalizações que julgamos ser impeditivos ao avanço e à disseminação do conhecimento sobre a África e personificam o debate estabelecido pelo vídeo, no qual a escritora Chimamanda chama a atenção para o quanto é deficiente essa unilateralidade e generalização sobre um continente plural e diversificado.

Assim, por meio de slides (com textos e imagens) apontamos simplificações, generalizações, erros historiográficos, geográficos e perspectivas tendenciosas que até hoje apresentam o continente africano sob a visão europeia, com elementos preconceituosos que estão ainda presentes nos discursos ou em literaturas, tendo a consciência de que o assunto é amplo e não tivemos a oportunidade de realizar um estudo, que atenda, de forma satisfatória, às necessidades formativas sobre o tema.

No entanto, como se propôs, essa formação continuada visou apresentar possibilidades de temas e estudos que pudessem contribuir, de forma processual, para o ensino e a aprendizagem da História da África com indicações introdutórias do conhecimento sobre África.

Entre essas possibilidades formativas, desenvolvemos atividades práticas com uma breve discussão sobre nossas visões pessoais em relação ao ensino e a aprendizagem sobre a África, a utilização de mapas para situar a localização do Continente africano, bem como imagens para uma análise comparativa dos fenótipos dos diversos povos que se fixam nas diversas regiões africanas. Apresentamos, por meio de imagens e vídeos com animações, elementos da periodização histórica da África tradicional e problematizada e alguns pontos da história das sociedades africanas ligadas à expansão muçulmana, que interferiram no continente. Destacamos que sobre o conteúdo de História da África, Afro-brasileira, e as especificidades das Africanidades, como parte do conhecimento que compõem a cultura de nosso país, defendemos que o avanço nos estudos depende exclusivamente de uma vontade subjetiva em cada docente de avançar para além das referências por nós aqui sugeridas e em diversos canais formativos.

Sobre as considerações dos docentes quanto aos pontos significativos do estudo da Educação para as Relações Étnico-Raciais, História da África e Afro-brasileira, além das considerações sobre o racismo, as docentes/cursistas salientam: “Ambos foram significativos, pois através do conteúdo passado sobre Educação Étnico-racial, pude me aprofundar melhor no reconhecimento e valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro. Quanto ao racismo, pude observar através das explicações que há uma diferença entre discriminação racial, preconceito e racismo” (Cursista: “Carolina Maria de Jesus”). “Ambos foram muito significativos, pois acrescenta bastante aos meus conhecimentos dando mais perspectiva de como lidar com os assuntos em sala de aula e no meu dia a dia” (Cursista: “Laudelina de Campos Melo”).

Ainda sobre o ensino sobre de História da África, entre outros conteúdos com a temática, os cursistas declararam: “Vejo que a escola tem papel importante a cumprir Criar formas de interferir pedagogicamente na construção da diversidade e garantir o direito a educação e saber mais sobre a História e a cultura afro-brasileira e africana e creio eu que dessa forma nos ajudará a superar opiniões preconceituosas sobre os negros e denunciar o racismo e a discriminação racial” (Cursista: “José da Silva”). Nesta fala, observamos que o docente apresenta uma argumentação a favor da educação antirracista notadamente ressignificada, ao confrontarmos sua resposta inicial sobre as suas expectativas iniciais no questionário da Educação para as Relações Étnico-Raciais, aplicado no primeiro encontro.

O terceiro e último módulo do curso foi voltado para a análise das práticas pedagógicas e das possibilidades metodológicas para o ensino das Africanidades no

cotidiano dos componentes curriculares, aplicados nas diversas disciplinas de ensino da grade curricular dos anos iniciais do ensino fundamental. Em uma atividade desenvolvida com os docentes/cursistas, realizamos uma análise que nomeamos de “Repensando a Matriz Curricular”. Nesse momento, estruturamos os exemplos discutidos de forma genérica em outros encontros presenciais, e concentramos nossa atenção às disciplinas e aos seus componentes curriculares. Começamos a análise por áreas. Dessa forma, nas Ciências Humanas exploramos, em especial, os componentes de História e Geografia.

Destacamos que, para essa área de conhecimento, a proposta nos apresenta como fio condutor, as abordagens que incluam os conceitos de Memória, Identidade e representações socioculturais. Considerando que os conteúdos de História e Geografia elencados em sua grade programática para os anos iniciais do ensino fundamental, são dispostos em eixos ou unidades temáticas, desenvolver uma abordagem que privilegie esses conceitos pode ser mais bem definida e relacionada às Africanidades pelos docentes em seus planejamentos.

Ao discutirmos as Propostas de Intervenção Pedagógica e Didática elaboradas pelos cursistas/docentes, destacamos que a estrutura indicada para a proposta contou com os seguintes pontos de reflexão e de ação: Objetivo, Justificativa, Local de Aplicação, Público-Alvo, Metodologia e Conteúdos. Essa estrutura contou com elementos que contemplassem os conceitos e abordagens que julgamos pertinentes para a Educação para as Relações Étnico-Raciais e para o ensino das Africanidades.

Entre as considerações sobre a experiência na execução da atividade, muitos se mostraram animados com as reais possibilidades de aplicação da proposta e do quanto ela é plausível e necessária ao seu cotidiano escolar. Mesmo considerando que estávamos no final do ano letivo, e que alguns não regressariam no ano seguinte para as mesmas turmas, isso não os dissuadiu de pensar em uma proposta, que primeiro desenvolvesse os conteúdos de sua grade curricular sob uma perspectiva que alcançasse as pluralidades culturais e contribuísse com o combate ao racismo na escola.

O encerramento da formação continuada contou com uma avaliação dos momentos formativos que tivemos. Em seguida, confraternizamos-nos celebrando essa oportunidade de encontro, celebramos a vida e o encontro de ideias que mantiveram a vontade de movimentar a prática docente em direção a uma educação emancipadora. O senso comum entre os docentes/cursistas foi de que as Africanidades perpassam todas as áreas do conhecimento humano e que é possível identificá-las através de um olhar mais atento à pluralidade cultural em que estamos inseridos.

Tivemos a oportunidade de analisar a trajetória da formação dos professores buscando identificar a presença de elementos formativos na temática das Africanidades e da Educação para as Relações Étnico-raciais, verificados através de questionários e rodas de conversa. Destacamos que, ao longo da formação continuada oportunizamos momentos de reflexão sobre as práticas docentes e pedagógicas, e a relevância de se ter um domínio teórico que contribua de forma assertiva com o fazer docente.

A partir dessa trajetória, desenvolvemos um material educativo no formato e-book intitulado “Africanidades: Formação Continuada para Professores do Ensino Fundamental – Anos Iniciais”, considerando o referencial teórico e a pesquisa sobre o ensino de Africanidades, cuja validação se deu por meio da formação continuada. O material encontra-se disponível em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574085> ou <https://ppgeh.vitoria.ifes.edu.br/index.php/producao-academica?start=4> e pode ser utilizado em outros momentos de formação de docentes para a Educação das Relações Étnico-Raciais, trazendo as africanidades para o centro da discussão da formação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido em nossa pesquisa nos trouxe uma imensidão de informações e conceitos que se desdobram sobre o ensino e a aprendizagem das Africanidades em um amplo campo de pesquisa que nos debruçamos que é a Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Retomamos a questão norteadora da pesquisa para nos guiarmos nas considerações finais: como sistematizar uma formação continuada, a partir das necessidades formativas dos docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para práticas emancipatórias e de combate ao racismo, no ensino das Africanidades, em convergência com a educação para as relações étnico-raciais?

Verificamos a importância em ouvir as demandas formativas para uma formação com e não para os professores. A partir do diálogo foi possível sistematizar uma formação com material para estudo teórico e com espaços para refletirmos a prática docente, ou seja, o docente como intelectual que a partir da teoria pensa o cotidiano pedagógico. Assim, ao produzirmos, a partir da pesquisa, um e-book para a formação de professores na temática das africanidades e disponibilizarmos para que ele seja utilizado em outros momentos formativos demonstramos essa sistematização de uma formação continuada na forma de produto educativo (e-book).

O conceito de Africanidades no campo de estudos sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais é um tema ausente na formação inicial dos docentes participantes de nossa pesquisa. Além disso, constatamos uma rara oferta de estudos em formações contínuas às quais eles têm acesso, identificamos, ainda, um entendimento superficial sobre as questões étnico-raciais que versam sobre racismo, discriminação e preconceito racial. As considerações verificadas na fase diagnóstica dos temas pautavam-se no senso comum, sem um aprofundamento teórico e contextualizado nas dinâmicas sociais que vivenciaram.

Assim, os resultados da pesquisa estão na relevância em demonstrar que há demandas formativas dos docentes dos anos iniciais sobre a temática em africanidades e contribuem para a sociedade, no caso para escolas e secretarias de educação, ao apresentar um produto que pode ser replicado na formação continuada de docentes.

Os diálogos com os docentes no processo formativo possibilitaram a reflexão sobre a prática docente, de forma crítica, no que se refere a uma educação que respeita e valoriza as diferenças, que combate o racismo e privilegia a construção de sujeitos que exerçam seus direitos e deveres como cidadãos.

Assumimos, como pesquisadores e docente da área, compromisso com uma educação que valorize a igualdade nas diferenças, para, a partir delas, fortalecer as relações sociais e culturais nas quais estamos inseridos. Temos a clareza de que nossos esforços com essa pesquisa não esgotam em sobremaneira todo caminho que ainda precisa ser percorrido para que nossos projetos e expectativas dentro da área de formação de professores, bem como da Educação para as Relações Étnico-Raciais.

As pesquisas e estudos sobre ensino da temática Africanidades, em especial das Africanidades Brasileiras, ainda precisam ser ampliados. Reconhecemos que a pesquisa se limitou à uma região e a formação continuada de docentes mas, recomendamos que o assunto seja objeto de estudo em outras regiões do país e também de investigação na formação inicial de professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, 09 jan. 2003.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim; SOUSA, Ana Lourdes Lucena de. Diretrizes para o ensino de história e a prática voltada à diversidade: um olhar multicultural. **Revista história e diversidade**. Mato Grosso, v. 4, n.1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/163>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. **Formação continuada para as relações étnico-raciais: diálogo entre o Instituto Federal do Espírito Santo e os docentes da educação básica da rede públicas**. Relatório de pesquisa de Pós-Doutorado em Educação. (Programa de Pós-Graduação em Educação da USP). São Paulo, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECADI, 2005. p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus, 2012.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MARTINS, Lígia Márcia.; LAVOURA, Tiago Nicola. Rumo à outra didática histórico-crítica: superando imediatismos, logicismos formais e outros reducionismos do método dialético. **Revista Histedbr on-line**, v. 19, p. e019003, 19 mar. 2019.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Multiculturalismo, currículo e formação de professores. *In*. MOREIRA, A.F.B. **Currículo: Políticas e Práticas**. 13. ed. São Paulo: Papirus, 2011.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; CANEN, Ana. (org) **Ênfases e omissões no currículo**. Campinas: Papirus, 2001.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues *et al.* **Educação e diferenças: os desafios da Lei 10.639/03**. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

MUNANGA, Kabengele. O conceito de Africanidade nos contextos Africano e brasileiro. *In*: OLIVEIRA, Jurema. (org). **Africanidades e Brasilidades: culturas e territorialidades**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. p. 09-25.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores. Panorama, perspectivas e experiências. **Estudos afro-asiáticos**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 187-220, jan. 2006.

OLIVEIRA, M. V. de; SILVA, C. F. da; OLSEN, J. F.; FURLAN, T. V.; BUOSI, R. B.; AMARAL, A. G. do. O processo de formação dos professores e a aplicabilidade das

teorias e práticas em sala de aula no ensino fundamental – primeiro seguimento no município de Umuarama - PR. *EDUCERE - Revista da Educação*, Umuarama, v. 14, n. 1, p. 7-25, jan./jun. 2014.

PANTOJA, Selma; ROCHA, Maria José. **Rompendo silêncios**: história da África nos currículos escolares. Brasília: DP Comunicações Ltda, 2004.

SAVIANI, Demerval. A função docente e a produção do conhecimento. **Educação e filosofia**, v. 11, n. 22, p. 127-140, 1997.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999. p. 76-85.

SAVIANI, Demerval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, jun. 2015.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades Brasileiras: Esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. **Revista do professor**, Porto Alegre, v. 19, n. 73, p. 26-30, jan. 2003.